Cadernos de estágio

O despertar do educador e sua jornada na Escola da Infância

Rebeca Domitila Tavares de Azevedo Maurício dos Santos

Como citar este texto

SANTOS, R. D. T. de A. M. dos . O despertar do educador e sua jornada na Escola da Infância. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 3, 2024. DOI: 10.21680/2763-6488.2024v6n3ID38692.



Cde

O estágio no Colégio de aplicação
a formação docente e os diálogos com a prática pedagógica

ISSN: 2763-6488

Fonte: arquivo pessoal dos autores (2019).

Era manhã, o sol ainda tímido se escondia atrás das nuvens, mas o meu despertador não hesitou em cumprir sua função. Levantei da cama com um salto, já antecipando o que seria um dia cheio. Banho rápido, dentes escovados, mochilas arrumadas, e a marmita prontinha para me acompanhar pelas horas que passaria longe de casa. Tudo parecia em ordem, mas, por dentro, meu coração pulsava em um ritmo mais acelerado. Era o primeiro dia de estágio no NEI, e com ele, uma avalanche de sentimentos.

No caminho, uma mistura de medo e empolgação me invadia. Não sabia o que esperar, e minha mente teimava em criar cenários imaginários – a maioria deles negativos, para ser honesta. "E se eu não conseguir dar uma boa aula?", eu me perguntava. "E se as professoras não gostarem de mim? E o principal, e se as crianças não gostarem de mim?" Esses pensamentos se acumulavam, criando uma pressão invisível sobre meus ombros.

Cheguei ao NEI com essas dúvidas pesando em meu peito, mas bastou cruzar os portões para sentir o calor acolhedor daquele lugar. As professoras, tão experientes e solícitas, logo me fizeram sentir parte. E as crianças... Ah, as crianças! Com seus sorrisos sinceros e curiosidade infinita, elas transformaram o que seria um dia de receios em uma experiência de pura troca.

Em cada turma pela qual passei pela escola da infância, pude viver momentos singulares e me encantei por cada turma. Saber que nos dias que eu não ia, às crianças já perguntavam por mim. Um questionamento de uma das crianças que eu jamais me esquecerei:

- Professora, você mora aqui na escola?

Deveras, o NEI se tornou minha segunda casa durante a minha graduação, todos os meus estágios obrigatórios ocorreram lá, a pesquisa que fiz parte também. Sinto que pude deixar um pouco de mim para aqueles que me conheceram. Mas a grandeza que o NEI deixou em minha vida foi e é de suma importância na minha construção e também diria desconstrução do que é ser educadora e pesquisadora.

As conversas durante o lanche e o almoço, conhecer todo o corpo estudantil, da pesquisa, os funcionários da limpeza e da cozinha. Todas as conversas e desabafos sobre as correrias da vida, sobre alimentação, sobre leitura e tantos outros tópicos dos mais variados assuntos.

Com o tempo, fui percebendo que o mais importante não era dar "a melhor aula", mas sim estar presente, ser sensível às necessidades dos pequenos e aberta ao aprendizado constante. Afinal, a pedagogia é essa via de mão dupla, onde, a cada lição que oferecemos, recebemos outras tantas em troca.

Os intervalos regidos pela canção “João e Maria” do Chico Buarque, aqueciam

ainda mais minhas manhãs ali, minha criança interna era despertada naquela comunidade escolar. Às vezes, esquecemos de quem foram as nossas versões. Há uma sensibilidade que nos transpassa ao estudar e trabalhar na educação. Nossos eu(s) pequenos se reconectam, precisamos nos redescobrir como indivíduos e rememorar certas coisas. E o principal é saber que precisamos fazer as pazes com a nossa infância.

Hoje, olhando para trás, aquele medo inicial parece distante. O NEI - CAp - UFRN se tornou não só um espaço de prática profissional, mas um ambiente de crescimento pessoal. Ali, aprendi que a educação é feita de laços, de afeto, de respeito, de estudos, de propósitos e de transformações. Cada manhã, cada dúvida e cada novo dia de estágio foram, na verdade, parte da construção da pedagoga que estou me tornando.